



Revista dos Encontros Literários Moreira Campos

Departamento de Literatura da Universidade Federal do Ceará

Ano 1 – N.º 1 – Abril-Julho de 2008

<http://encontrosliterarios.ufc.br>

OS SERTÕES: “A GAIOLA DE OURO”

*Marcos Vinícius Medeiros**

Neste trabalho, procuro enfatizar importância de *Os sertões*, de Euclides da Cunha, como referência obrigatória para quem pretende estudar o episódio de Canudos, no interior da Bahia. O livro se projetou nos cenários nacional e internacional como documento de denúncia de um “Exemplo único em toda a História” (CUNHA, 2000, P. 497), de uma barbárie cometida no sertão baiano.

Inevitavelmente, quando ouvimos falar em *Os sertões* e em Euclides da Cunha, logo nos vem à mente a Guerra de Canudos. De fato, obra e escritor foram os grandes responsáveis pela permanência da história dessa Guerra na memória dos leitores interessados, tanto brasileiros quanto estrangeiros. Instalou-se, a partir de sua publicação, uma interpretação abrangente e necessária daquele bárbaro acontecimento, no final do século XIX. Com minúcia nos relatos e descrições, objetividade trespassada pela constante irrupção da subjetividade e o preciosismo da linguagem, o livro se mantém referência para os investigadores atuais da história de Canudos, pois reconhecem que a leitura euclidiana se faz a base necessária à busca de novos elementos e à construção de outros pontos de vista. Além disso, o atribui sentido, pela via do discurso, a um povo anônimo até então, o sertanejo, como agente e protagonista da história e da literatura brasileiras.

No artigo “A luta de Euclides da Cunha”, a professora Angela Gutiérrez, uma das maiores estudiosas no assunto de Canudos, adverte que, mesmo não sendo

“o primeiro livro sobre Canudos e, muito menos o último, a obra de Euclides da Cunha institui-se ainda como *o livro de Canudos*. Muitos estudiosos consideram que, não fosse Euclides da Cunha, o episódio poderia estar completamente esquecido, como outros momentos bárbaros e violentos da história do nosso continente. Mas, se o livro de Euclides teve o mérito de *fixar* Canudos e Antônio Conselheiro para a História, por outro lado, deixou-os presos no que José Calasans, o mais conceituado estudioso de Canudos, chama de ‘gaiola de ouro’: ‘o que ele dissera, estava dito’ e poucos ousaram contestar” (GUTIÉRREZ).

Diante do grande enfoque dado ao evento de Canudos, foram publicados muitos textos e livros sobre o tema. Dentre eles, *Os jagunços* (1898), de Afonso Arinos; *Última expedição a Canudos* (1898), de Emídio Dantas Barreto; *O rei dos jagunços* (1899), de Manuel Benício; *A campanha de Canudos* (1900), de Aristides Milton; *Descrição de uma viagem a Canudos* (1900), de Alvim Martins Horcades; *A guerra de Canudos* (1902/1903), de Henrique Duque-Estrada de Macedo Soares.

Todas essas obras, por sua vez, viram-se ofuscadas pelo impacto causado por *Os sertões*. Embora o manuscrito já estivesse pronto em maio de 1900 (BERNUCCI, 2001, p. 57), o livro só foi lançado em 02 de dezembro de 1902, sendo, portanto, um dos últimos textos a serem publicados na época. Desse modo, conforme acentuou Berthold Zilly, por ter sido lançado cinco anos após o término do conflito, muitos livros já haviam sido escritos sobre o assunto. E muitos outros viriam depois na esteira de *Os sertões*. Entre tantos, assinalo aqui os diversos romances europeus e latino-americanos inspirados no sedutor livro de Euclides da Cunha. Numa relação retirada do texto “Euclides, semeador de literatura e arte”, da já citada professora Angela Gutiérrez, destacam-se: *Le mage du sertão* (1952), do francês Lucien Marchal; *Capitão jagunço* (1959), de Paulo Dantas; *Veredicto em Canudos* (1970), do húngaro Sándor Márai; *La guerra del fin del mundo* (1981), do peruano Mario Vargas Llosa; *A casca da serpente* (1989), de José J. Veiga; *As meninas do Belo Monte* (1993), de Júlio César Chiavenato; *Canudos* (1997), de Ayrton Marcondes. O livro também serviu de inspiração para os filmes *Deus e o diabo na terra do sol* (1963), de Glauber Rocha; e *A guerra de Canudos* (1997), de Sérgio Rezende.

Todo esse prestígio concedido a Euclides da Cunha acabou fazendo de *Os sertões* o texto oficial sobre a Campanha de Canudos, a já citada “gaiola de ouro”. O interessante é que o tema do livro não é necessariamente a história da Campanha de Canudos, conforme ressaltou o próprio autor em “Nota preliminar”:

“Escrito nos raros intervalos de folga de uma carreira fatigante, este livro, que a princípio se resumia à história da Campanha de Canudos, perdeu toda a sua atualidade, remorada a sua publicação em virtude de causas que temos por escusado apontar. Demos-lhe, por isto, outra feição, tornando apenas variante de assunto geral o tema, a princípio dominante, que o sugeriu. Intentamos esboçar, palidamente embora, ante o olhar de futuros historiadores, os traços atuais mais expressivos das sub-raças sertanejas do Brasil. E fazemo-lo porque a sua instabilidade de complexo de fatores múltiplos e diversamente combinados, aliada às vicissitudes históricas e deplorável situação mental em que jazem, as tornam talvez efêmeras, destinadas a próximo desaparecimento ante as exigências crescentes da civilização e a concorrência material intensiva das correntes migratórias que começam a invadir profundamente a nossa terra” (CUNHA, 2000, P. 13).

Ao adornar sua obra com essa nova roupagem, Euclides o fez fundamentando-se nas teorias das desigualdades raciais. Vale ressaltar que sobretudo nas três últimas décadas do século XIX, tais teorias, já em descrédito no cenário europeu, onde foram engendradas, influenciaram muitos intelectuais brasileiros. Por sua vez, ao serem transplantadas para o Brasil, essas teorias receberam novas colorações, ajustando-se aos interesses políticos e culturais dos grupos letrados nacionais, preocupados em articular os modelos europeus à realidade local e, sobretudo, comprometidos com o ideal de modernidade norteador do pensamento e da cultura ocidental. Em virtude disso, surgiram no país novas ideologias, como a teoria da miscigenação, proposta por Euclides da Cunha, em *Os sertões* (VENTURA, 2000, p. 58-61).

Mas isso, de forma alguma, descolore a monumental obra de Euclides da Cunha, e mais uma vez me sirvo da palavra da professora Angela Gutiérrez, que diz:

“Se é possível apontar em *Os sertões* teses científicas ultrapassadas e, para os padrões éticos de, até mesmo preconceituosas e politicamente incorretas, como as que se

referem à inferioridade das raças mestiças e à caracterização do Conselheiro como insano mental, realça, cada dia mais, a potência literária desta obra. Até mesmo para compensar contradições internas do texto (como nem sempre a realidade ajusta-se às suas premissas científicas), o autor adota algumas figuras de palavras que dão conta dessa incompatibilidade e enriquecem sua escrita: o paradoxo, o oxímoro, a antítese, entre outras. (Tróia de taipa, Hércules-Quasímodo, ia para a história como poderia ter ido para o hospício)” (GUTIÉRREZ).

Ao ganhar essa dimensão, o livro que surgiu com o propósito de ser um estudo histórico-científico das particularidades que tornaram inevitável a derrota do povo sertanejo, converteu-se, logo após o lançamento, em virtude da intensidade verbal com a qual foi escrito, em documento de denúncia da barbárie cometida no sertão baiano. Algo que não pode ser confundido com defesa do sertanejo; afinal, não existe, em nenhum momento da narrativa de *Os sertões*, a intenção de defendê-lo. Conforme enfatizou Euclides, seu livro “não é um livro de defesa; é, infelizmente, de ataque” (CUNHA, 2000, p. 509). Sem dúvida, um ataque às ações dos “singularíssimos civilizados que nos sertões, diante de semibárbaros, estadearam tão lastimáveis selvaticuezas” (IDEM, p. 510). Mas, ao mesmo tempo, um ataque ao atraso dos nossos “rudes patrícios retardatários” (IDEM, 2000, p. 300), que se encontravam três séculos distantes da “civilização”. Por isso, no sangrento “espetáculo” de Canudos, onde não foram poupadas crianças, mulheres, idosos e mutilados, ainda se propagou, em meio à fumarada negra das ruínas, a crença na civilização e no progresso. Segundo o autor do libelo vingador:

“Decididamente era indispensável que a campanha de Canudos tivesse um objetivo superior à função estúpida e bem pouco gloriosa de destruir um povoado dos sertões. Havia um inimigo mais sério a se combater, em guerra mais demorada e digna. Toda aquela campanha seria um crime inútil e bárbaro, se não se aproveitassem os caminhos abertos à artilharia para uma propaganda tenaz, contínua e persistente, visando trazer para o nosso tempo e incorporar à nossa existência aqueles rudes compatriotas retardatários” (IDEM, p. 425).

E como essa “incorporação” traria como consequência o desaparecimento/esmagamento do povo capaz de formar o brasileiro dos tempos

vindouros, a própria idéia de futuro só poderia vir representada por uma imagem monstruosa – uma criança com o rosto mutilado:

“E essa criança horrorizava. A sua face esquerda fora arrancada, havia tempos, por um estilhaço de granada; de sorte que os ossos dos maxilares se destacavam alvíssimos, entre os bordos vermelhos da ferida já cicatrizada... A face direita sorria. E era apavorante aquele riso incompleto e dolorosíssimo aformoseando uma face e extinguindo-se repentinamente na outra, no vácuo de um gilvaz” (IDEM, p. 494).

Este era o símbolo maior das dicotomias do país. Em uma face, havia o sorriso; na outra, a chaga. De um lado, a suposta barbárie, que nada mais era que um agrupamento de pessoas lutando pela sobrevivência, resistindo até à morte em defesa do território invadido; do outro, a “civilização”, cujos representantes, ao ignorarem sua própria condição de marginalizados sociais, cometeram uma das maiores barbáries da nossa História. De um lado, a certeza da vitória; do outro, mulheres torturadas pela derrota, “precipitando-se nas fogueiras dos próprios lares, abraçadas aos filhos pequeninos” (IDEM, p. 497). De um lado, cinco mil soldados; de outro, quatro defensores solitários: um velho, dois homens e uma criança. De um lado, o hasteamento da bandeira nacional em meio à praça vencida e os brados em comemoração à vitória; do outro, casebres em ruínas, fogo, destruição e morte. No sorriso, a ironia. Na chaga, a vingança. No rosto incompleto, o protesto silencioso, a vergonha, a ferida encravada na alma nacional. A criança era monstruosa, mas, por ser, em essência, símbolo do futuro, produzia a esperança. A incompletude de seu rosto funciona, portanto, como uma metáfora para a nossa situação de país periférico, onde sempre há a esperança de que possa ser superada a crise nacional, marcada pelo conflito entre a crença no progresso, na modernização, na industrialização, e a decepção com suas conseqüências e/ou com as concessões que precisam ser feitas para que consigamos alcançá-los.

Vargas Llosa e o sertão euclidiano

Em novembro de 1981, no Rio de Janeiro, por ocasião do lançamento do livro *La guerra del fin del mundo*, a sair em edição brasileira nos dias seguintes, Mário

Vargas Llosa responde a vários questionamentos a respeito da interesse de um escritor estrangeiro em escrever sobre um caso particular brasileiro, acontecido no interior da Bahia.

Vargas Llosa afirma que o principal motivo foi, além do convite para escrever com Rui Guerra o roteiro de um filme sobre Canudos (filme que, por sinal, não chegou a se realizar), o impacto que lhe causou a leitura de *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha.

Entusiasmado pela leitura do livro de Euclides da Cunha, o escritor peruano reuniu a ela uma série de informações sobre os acontecimentos de Canudos, esteve no sertão baiano conversando com as pessoas, vendo a paisagem, sentindo o clima. Como um historiador, Vargas Llosa foi às fontes e, documentado, escreveu, bem ao estilo menardiano, a sua narrativa.

Em entrevista concedida a Ricardo Setti, Vargas Llosa deixa bem evidente o processo de construção de *La guerra del fin del mundo*. Sobre o contato inicial com *Os sertões*, o autor diz:

“Comecei a documentar-me, a ler e uma das primeiras coisas que li em português foi *Os sertões*, de Euclides da Cunha. Para mim, foi uma das grandes experiências da minha vida de leitor. Foi como ter lido, quando garoto, *Os três mosqueteiros*, ou, já adulto, *Guerra e paz*, *Madame Bovary* ou *Moby Dick*. Foi realmente o encontro com um livro muito importante, com uma experiência fundamental. Um deslumbramento, realmente, um dos grandes livros que já se escreveram na América Latina [...]. Creio que ele vale por muitas coisas, mas sobretudo porque é como um **manual de latino-americanismo**, quer dizer, neste livro se descobre primeiro o que não é a América Latina. A América Latina não é tudo aquilo que nós importávamos. Não é tampouco a Europa, não é a África, nem é a América pré-hispânica ou as comunidades indígenas — e ao mesmo tempo é tudo isso mesclado, convivendo de uma maneira muito áspera e difícil, às vezes violenta. E de tudo isso resultou algo que muito poucos livros antes de *Os sertões* haviam mostrado com tanta inteligência e brilho literário. Ou seja, creio que a pessoa a quem eu realmente devo ter escrito *A guerra do fim do mundo* é Euclides da Cunha” (SETTI, 1986, p. 38-39).

Interessado em conhecer de perto o sertão palmeado por Euclides da Cunha, Vargas Llosa viaja ao interior da Bahia:

“Eu tive a sorte de que Jorge Amado, que estava fora do Brasil na ocasião, me recomendasse a uma pessoa que foi muito importante

para mim: Renato Ferraz. Ele havia sido diretor do Museu da Bahia, tinha estudado Antropologia mas, cansado da cidade, se retirara para o sertão e vivia em Esplanada, na Bahia, onde continua até hoje. Renato foi valiosíssimo para mim porque aceitou acompanhar-me durante todo um mês de viagem, conhece o sertão como a palma de sua mão e tinha o tipo de conhecimento de que eu mais necessitava. É o homem que sabe o nome do último galho, arbusto, animalzinho e inseto do sertão. E, além do mais, tem uma capacidade de comunicação extraordinária com a gente do sertão. Então foi muito fácil, através dele, falar com camponeses, vaqueiros, párocos, cantadores ambulantes, agricultores [...]. Não sei com quantas pessoas falei, mas foram dezenas e dezenas. Não fazíamos outra coisa a não ser ir de povoado em povoado. Percorremos os 25 pequenos povoados onde se diz que o Conselheiro esteve. E talvez para mim o dia mais emocionante da minha vida — creio que jamais senti tamanha emoção — foi quando cheguei com Renato não a Canudos — porque Canudos está hoje no fundo de uma grande represa — mas ao cerro que foi cenário da grande batalha da guerra, onde está a cruz que ficava na igreja de Canudos. Ela foi plantada ali, e ainda está cheia de estilhaços de bala. Você não sabe o que foi para mim chegar ali. Eu estava há dois anos trabalhando nisso, e era como se minha fantasia se estivesse materializando. Até ali, o trabalho de escrever tinha sido angustiante. Mas dali até terminar o livro, que foram mais dois anos, trabalhei com enorme entusiasmo, dez, doze horas por dia. Como digo, por razões assim é que esse livro é para mim tão especial” (IDEM, p. 42).

Podemos observar, nesse depoimento de Vargas Llosa, que, além do seu profundo interesse em conhecer as gentes e o cenário da guerra, o quanto a ficção do autor peruano deve à realidade enquanto impulso criativo. Ele estava já há dois anos trabalhando no romance — um trabalho árduo, angustiante. Ao se deparar com a realidade do sertão baiano, ao tratar dela *in loco*, além de sentir como que a sua fantasia “se estivesse materializando”, ganha um novo fôlego e, nos dois anos seguintes, passa a trabalhar “dez, doze horas por dia” — tamanho é o entusiasmo que a realidade do cenário da guerra lhe proporcionou.

O autor de *Batismo de fogo*, observou, pesquisou e leu, aliás, leu muito sobre Canudos. Sob orientação de José Calasans, maior estudioso de assuntos ligados a Canudos, Vargas Llosa leu quase tudo que se escrevera até o final da década de 70, do

século XX, sobre a guerra de Canudos. Havia no escritor o desejo de conhecer o depoimento dos vencidos, das testemunhas do episódio e também de seus descendentes, que herdaram a memória viva dos acontecimentos.

O cuidado em investigar o acontecimento histórico de Canudos, em conversar com os moradores da região; a busca de elementos do ambiente onde a guerra ocorreu são preocupações efetivas com a realidade dos fatos. Nesse livro, Vargas Llosa revela-se um intelectual latino-americano do final do século XX que reconstrói ficcionalmente um fato histórico, brasileiro, do final do século XIX, com um instrumental literário e ideológico. Reescrevendo a história de Canudos, o escritor peruano escreve, também a história do continente americano dilacerado em uma luta equivocada e inglória entre civilização e barbárie.

Conclusão

Por meio da literatura latino-americana, nos identificamos. Afinal, fazemos parte de um mesmo e grande povo que caminha junto, unido pelo sangue e pelas tradições, seja em português, seja em espanhol. Somos um povo imerso na mesma cultura, ainda que ela seja multifacetada, e, principalmente, nos mesmos ideais de justiça e de liberdade. A leitura serve para nos identificarmos, para compararmos nossas ações e atitudes. Serve para aprender. Conhecer as histórias de outros países, em especial a dos nossos vizinhos, nos enriquece. *Os sertões*, no contexto do nosso continente, torna-se, pelas palavras de Vargas Llosa, “um manual de latino-americanismo, expõe a chaga das nossas dores morais, mostra a tensão entre civilização e barbárie e, além disso, mesmo não sendo “um livro de defesa” do sertanejo, não deixa ficar perdido no tempo um momento tão bárbaro e violento de nossa história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERNUCCI, Leopoldo M. Cronologia. In: CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. São Paulo: Ateliê Editorial, Imprensa Oficial do Estado, Arquivo do Estado, 2001.
- CALASANS, José. *Cartografia de Canudos*. Salvador: Secretaria de Turismo e Cultura do Estado da Bahia/Conselho Estadual de Cultura/EGBA, 1997.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. São Paulo: Ática, 2000.
- GUTIÉRREZ, Angela. Euclides da Cunha na Terra Ignota. In: CUNHA, Euclides de. *Os sertões*. Fortaleza: ABC Editora, 2002, vol. I, p. 3-6, 171-175.
- _____. E Euclides criou o Homem. In: CUNHA, Euclides de. *Os sertões*. Fortaleza: ABC Editora, 2002, vol. II, p. 5-6, 121-125.
- _____. A Luta de Euclides da Cunha. In: CUNHA, Euclides de. *Os sertões*. Fortaleza: ABC Editora, 2002, vol. III, p. 5-7, 201-205.
- _____. Euclides, semeador de literatura e arte. Fortaleza: Bienal do Livro do Ceará, 2002. [conferência]
- _____. Vargas Llosa: um outro olhar sobre Canudos. In: MENEZES, E. Diatahy Bezerra de, ARRUDA, João (Orgs.). *Canudos; as falas e os olhares*. Fortaleza: EUFC, 1995, P. 31-34.
- _____. Os sertões: o olhar estrangeiro e a “mirada estrábica”. In: *Revista Canudos*. O centenário de um clássico *Os sertões* 1902-2002, UNEB/CEEC, Salvador, ano 7, n, 6/7, jan./dez 2002, p. 145-157.
- SETTI, Ricardo A. *Conversas com Vargas Llosa*. São Paulo: Brasiliense, 1986.